

A queda e o milagre

Sair de casa para se aventurar é a premissa dos apaixonados pela vida. Esquecer-se dos problemas e se juntar aos amigos é, na visão de muitos, um desejo constante. Em novembro de 2015, a administradora Viviane Ramos Elias, 43 anos, visitou o Buraco das Araras, em Mato Grosso do Sul. Mas o lazer que buscava acabou se transformando no maior de seus pesadelos. Uma corda nova e encerada não ofereceu a frenagem necessária durante um rapel. Viviane despencou 80 metros abaixo, batendo contra o paredão rochoso com uma violência que interrompeu sua respiração.

“Eu sentia meu corpo batendo com muita força e a sensação de estar quebrando meus ossos. Realmente passa um filme muito rápido da vida”, conta. No chão, com quatro vértebras fraturadas, pneumotórax e perda de movimentos na mão direita, o medo da morte era palpável. “A única coisa que eu conseguia lembrar era da minha vó dizendo para eu tomar cuidado, só queria pedir perdão por ter sido desobediente”, lembra.

Quando já estava no chão, imaginou que seriam os últimos minutos de vida. De acordo com Viviane, a dor no peito e a falta de ar eram insuportáveis. “Disse para minha prima falar à minha mãe que eu a amava muito”, recorda-se. No entanto, permaneceu viva, apesar das sequelas. A recuperação foi um exercício enorme de resiliência. Foram anos de fisioterapia, RPG e acupuntura para lidar com a dor crônica e neuropática.

Agora, não se vê fazendo rapel, especialmente pelas promessas que fez aos que tanto se preocuparam com ela durante os momentos de aflição. “De qualquer forma, acho que não faria mais mesmo, fiquei realmente traumatizada. Depois do acidente, continuei a fazer apenas trilhas e mergulho”, detalha Viviane.

Depois de praticamente renascer, a administradora vê como todo o processo foi difícil e doloroso. “Tenho certeza de que vivi um milagre. Isso aumentou ainda mais a minha fé e uniu a minha família.” De certo modo, precisou repensar toda a vida. Erros, acertos e sonhos pela frente. O filme que precede a morte, visto por Viviane, só reforçou o que sempre esteve perto — e que era importante. Depois de renascer, ela passou a viajar pelo mundo, em aventuras um pouco mais comedidas.



Viviane caiu fazendo rapel em uma altura aproximada de 80 metros: hoje, ela transformou as viagens em seu maior prazer

“A fé e a esperança de voltar a trabalhar, poder viajar, fazer atividade física, me divertir me impulsionaram a acreditar em um futuro melhor. Passados 10 anos, me impressiono com a força que tive, e tenho certeza que foi Deus que cuidou de mim. Foi realmente um renascimento. Tornei-me uma pessoa muito mais resiliente e empática também. Tenho muito mais vontade de me conectar com pessoas, conhecer lugares, passar mais tempo apreciando a natureza. Faço questão de estar junto com a minha família e os meus amigos.”

